

Campos e Golbery propõem alternativas

**Da sucursal de
BRASÍLIA**

Tão céltico quanto agnóstico, o senador Roberto Campos não costuma acreditar em milagres nem em fantasmas. Abre uma exceção, porém, quando analisa a realidade nacional, como há dois dias, em demorada conversa com o general Golbery do Couto e Silva. Foi no escritório de um amigo comum, na Capital Federal.

O ex-chefe do Gabinete Civil indagou do ex-ministro do Planejamento se via saída para a atual crise econômico-financeira, e a resposta não surgiu desesperadora nem sinistra, mas racional: saída haverá, conforme a receita de Campos, com sacrifícios, determinação, estratégias globais, tempo e alguma coisa mais. Não foi o diagnóstico, assim, que o levou ao misticismo, mas a doença, pois, detalhando em tese o que fazer, ele partiu da premissa de que só por milagre estamos conseguindo conviver há três anos com o fantasma da inflação de três dígitos sem ter havido uma explosão social, uma convulsão política e a consequente quebra do regime.

Para ele, a saída está na contenção imediata, mas real, dos gastos estatais, responsáveis pela inflação, já que o setor privado, hoje submetido a toda espécie de dificuldades, mostra-se deflacionário. Urge a contenção nas despesas do Estado, cirúrgica e não homeopaticamente, e a canalização de recursos para o setor privado de modo a poder dinamizar a economia nacional dentro do possível, até criando empregos. Como se faz necessário, também, conter excessos no campo salarial. Em seu entender, o governo precisaria adotar um plano global, não emergencial, com medidas encadeadas e firmes. Seria trabalho para três ou quatro anos, mas profícuo.

Os dois interlocutores enverdaram pelo terreno perigoso da credibilidade dos responsáveis pelo comando econômico-financeiro, que não existe, mas foram cautelosos nas conclusões sobre a importância de alterações na equipe, admitidas apenas em tese e sem citações nominais. Preferiram elogiar o professor Octávio Gouvêa de Bulhões.

Golbery, nesse ponto mais ouvinte do que expositor, acentuou que o diagnóstico se cristaliza no atacado, apesar de variações no varejo. Em suas palavras, não há um economista ou um cidadão de bom senso, hoje, capaz de divergir quanto à forma de combater a inflação. "De você, Campos, a Delphim Netto e até a portuguesa." Referia-se a Maria da Conceição Tavares, que, apesar de posições e tendências oposicionistas, tem chegado às mesmas soluções. Para ele, forma-se no País uma espécie de consenso econômico, precedendo o tão falado consenso político — e quem sabe não repouse aí a luz no fim do túnel?

Descontraída, a conversa passou da economia para a política, e mesmo sendo ambos contrários ao parlamentarismo, por doutrina, admitiram poder as coisas evoluir emergencialmente para esse sistema de governo. O ex-ministro do Planejamento estabelece três condições para que o parlamentarismo possa dar certo: a existência de poucos partidos políticos, de preferência dois; a importância de serem fortes e bem estruturados esses partidos, com doutrina e até ideologia firmes, e a presença de uma burocracia eficaz, em condições de levar o governo e o Estado adiante, sem soluções de continuidade, nas periódicas épocas

de crise e mudanças de gabinete.

Apesar de nenhuma das três condições existir, mas tendo em vista que o milagre não durará muito e da noite para o dia podemos enfrentar explosões e convulsões sociais e políticas, o parlamentarismo inclui-se como opção para Campos e Golbery, porque a outra alternativa gerada pelas circunstâncias seria a volta às eleições diretas de presidente da República. E esta, acham os dois, mais conturbaria do que resolveria, hoje. O espectro de Leonel Brizola na Presidência da República rondaria o horizonte. Preferem, ao menos por enquanto, as eleições indiretas, mas por meio de condutos capazes de assegurar legitimidade e representatividade nas decisões. Uma idéia seria estabelecer em dois tempos imediatos a escolha dos deputados e senadores e a dos presidentes da República, sem a defasagem que o ex-chefe do Gabinete Civil, maliciosamente, reconhece haver sido estabelecida por conta de necessidades conjunturais. O que não parece certo é um Congresso em meio ou em final de mandato eleger um presidente. O senador, sobre o assunto, não concorda com a atual representação dos Estados no colégio eleitoral.

Outra conclusão a que chegaram foi sobre a Constituição. Repelem, por perigosa e inócuia, a tese da convocação de uma Assembléa Nacional Constituinte, panacéia que nada resolveria, mas, ao contrário, faria paralisar o País, sem trazer soluções para a crise econômica e social. Quem sabe melhor seria, como disse Golbery, voltar-se pura e simplesmente à Constituição de 1967, do presidente Castello Branco, admitindo-se depois um certo expurgo em artigos e capítulos passíveis de ser deixados à Lei Complementar, não fundamentais. Uma observação de Campos, a respeito, é de ser a Constituição de 1967, bem como a atual, a única no mundo que admite mercadorias em seu bojo: o monopólio do petróleo e o dispositivo que regula a importação do papel de imprensa, para ele, representam aberrações constitucionais. A lei deveria cuidar do tema, não a Constituição.

A abertura política também foi tema. Para os dois, além de seus efeitos intrínsecos, pois de uma forma ou de outra conduzindo o Brasil à democracia, ela apresenta resultados paralelos: a sociedade se viu engolfada no debate político amplo, até mesmo sobre a próxima sucessão presidencial, e, com isso, não discute ou se queixa em tempo exclusivo das dificuldades econômico-financeiras. Nem explode ou se convulsiona, por enquanto. Trata-se de fator positivo.

Muito mais se poderia reportar sobre o encontro do senador com o general, que faz tempo não se avistavam, mandando a ética e a cautela, porém, que certas observações permanecem reservadas. Seriam capazes de despertar amusos, idiossincrasias e até crises, de ciúme ou maiores. A concluir está que, como integrantes de uma espécie de subsistema, dentro do sistema, permanecem a postos e muito bem informados da realidade. Participantes, também, cada qual a seu modo. Campos, no Senado, adotando posições nítidas, mesmo polêmicas, mais preocupado em diagnosticar do que em agradar aos poderosos do dia. E Golbery... Bem, Golbery, de um recolhimento jamais recolhido, atuando como nunca...